ANNO XIII — NUM. 645 — Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1931 — PREÇO: 1$000

PARA TODOS...

São do Coração

do Douro

os Vinhos Ramos Pinto

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

40$ — Superior bezerro marron, ou preto, sola fina, todo liso, muito recommendado pela commodidade, ou em pellica marron.

30$ — Bataclan, salto mexicano, em pellica vermelho, marron, azul, branco, e branco e marron.

Fortissimos sapatos typo alpercata proprios para escolares em vaqueta preta ou avermelhada.

De ns. 18 a 26........ 8$000
" " 27 a 32........ 9$000
" " 33 a 40........ 11$000

Alpercatas typo bataclan em pellica envernizada preta toda debruada.

De ns. 17 a 26........ 7$500
" " 27 a 32........ 9$000
" " 33 a 40........ 10$500

35$ — Em fina pellica beige debruada de marron ou todo de pellica marron, todo forrado de pellica branca, salto Luiz XV, cubano medio.

35$ — Em fina pellica envernizada preta, todo forrado de pellica branca, salto Luiz XV cubano alto, laço de fita.

Porte 2$500 sapatos, 1$500 alpercatas em par

Pedidos a *Julio de Souza* — Avenida Passos 120 — Rio — Telep. 4-4424

A pressa e extrema diligencia com que tratamos quanto antes de nos desempenharmos de alguma obrigação,

em que com alguem estamos, é uma especie de ingratidão.

Não soffre a soberba ficar em divida com alguem, nem o amor proprio o pagal-as.

E' mais facil pôr um homem limites á sua gratidão que a seus desejos e esperanças.

As tintas para cabellos e alguns conselhos por

A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra 'oma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Tr'nta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio dc Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhs é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos imcomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

---

GIP

COMPANHIA
GARANTIA INDUSTRIAL PAULISTA

AUTORIZADA A FUNCCIONAR NO BRASIL PELO DECRETO Nº 16.688 DE 2 DE DEZEMBRO DE 1924.

A UNICA COMPANHIA QUE OPERA EXCLUSIVAMENTE EM SEGUROS CONTRA ACCIDENTES DE TRABALHO.

Séde:
R. Barão de Itapetininga, 18-8º
TELEPHONE, 4 - 7759
End. telegraphico: GIP
Caixa Postal, 2577
SÃO PAULO

Filial:
RUA ASSEMBLEA, 27
Esq. da Rua do Carmo
TELEPHONE, 2 - 1033
End. telegraphico: GIP
RIO DE JANEIRO

DISPARATE

POR MARINA COELHO CINTRA

DEPOIS de ter feito toda a sua memoravel e grandiosa campanha, o heroico cavalleiro D. Quixote de la Mancha conseguiu, com suas fanfarronadas de espirito, obter uma linda Dulcinéa com um dote ainda mais lindo do que ella. O magro fidalgote prosperou. E elle, que até então contara com a sympathia sceptica dos Sanchos, e seus arrazoados, passou a vêr-se perseguido por uma verdadeira turba de Panças, fóra de si á força de rancôr...

E por que, santo Deus? perguntareis. Ora! Simplesmente porque o secco e faminto cavalleiro D. Quixote engordou, ficou bonito e corado, com um bello rendimento e optimas terras! Singelamente, porque desistiu de correr mundo á cata de aventuras gloriosas, e preferiu, burguezmente, viver á mesa posta, entre risonhos convivas, ao lado da galante Dulcinéa. A gentil Dulcinéa de enorme fortuna e mirabolante romantismo, que o presenteou, logo a seguir, com um encantador bébé...

Onde se viu tamanha monstruosidade, D. Quixote de la Mancha, symbolo da gloria e da miseria, cavalleiro andante, o forte a combater os covardes, a defender os fracos, e a morrer de fome, onde se viu um homem assim, um poeta desse quilate, ficar subitamente opulento e feliz? Onde se viu um disparate egual? E dahi, a furia vermelha dos Sanchos contra o heróe manchego!

E não pararam ahi. Acharam pouco provocal-o, insultal-o, da maneira mais atroz possivel. Ao sahir do castello de mil torres, em que fervia a grande fortuna que lhe trouxera o casamento, viu-se o gorducho cavalleiro, de coradas faces, bloqueado por centenas e centenas de burricos, sobre os quaes se esganiçavam os Sanchos, irritadissimos contra elle...

— Mas, que quereis, senhores? — acudiu o fidalgo, sem arrogancia já, diminuido o furor mavorcio com as regalias de posição.

— Queremos que voltes a ser magro e doido! — urraram os symbolos do bom-senso (ou da baixeza humana).

— Para que, senhores meus? Sou feliz, agora. Encontrei a chimerica Dulcinéa. Amo-a e sou amado por ella. Tenho um filho. E dou-me muito bem nesta vida de castellão pacifico... —

— Eis o que não queremos nós! E' preciso que deixes tudo, e voltes á vida miserável e gloriosa que tiveste um dia! Eis o que exigimos! —

D. Quixote enfureceu-se e, fazendo um grande gesto, como outr'ora:

— Pois bem, não! Não lhes farei a vontade, gordos patos grasnadores e imbecis! —

E deu-lhes as costas, com desprezo.

Indignados com a offensa horrivel, os Sanchos em cacho foram-se a um sanatorio de loucos, e conferenciaram com o director, um eminente medico psychiatra.

— Garanto-vos, senhores, disse-lhes o Galeno, que D. Quixote, em toda a sua vida, nunca teve melhor juizo do que agora! —

— E' maluco! E' maluco furioso! — guincharam os Panças, em delirio de rancôr.

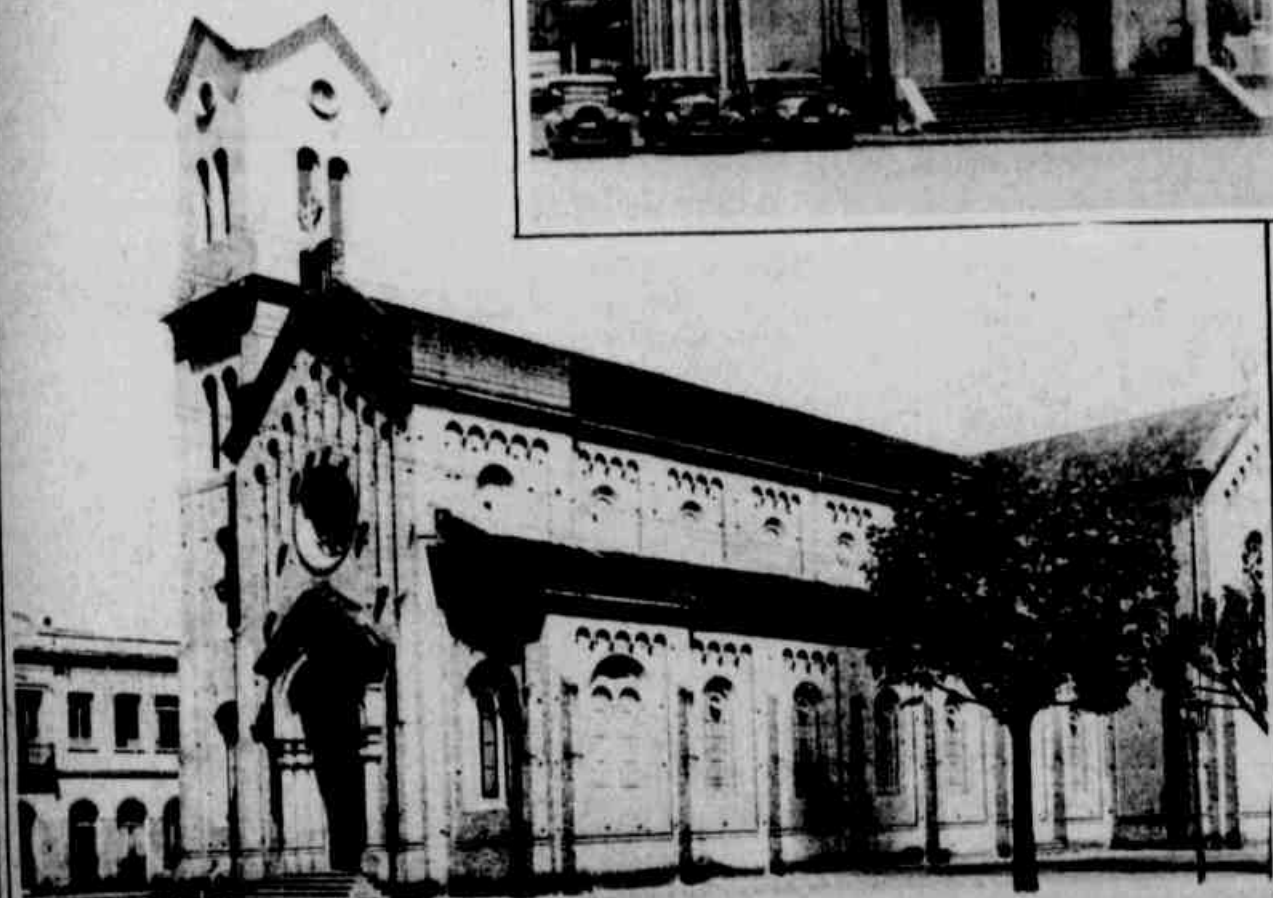
E, depois de muitos debates, forçado pelo numero, pela maioria, o illustre medico psychiatra rendeu-se á evidencia dos factos, e reconheceu o estado de alienação mental, em "non plus ultra", do ex-cavalleiro andante.

Eis o que custa a mudança de costumes... O criterio dos mais fortes, no nosso caso os testas ôcas, prendeu num hospicio de loucos D. Quixote de la Mancha, para todo o resto da existencia, pelo crime de ter renunciado a curtir fome e a ter visões de glória... Pelo crime de querer ser Sancho, tambem elle!

Igrejas de São Paulo

IGREJA DO CORAÇÃO DE MARIA

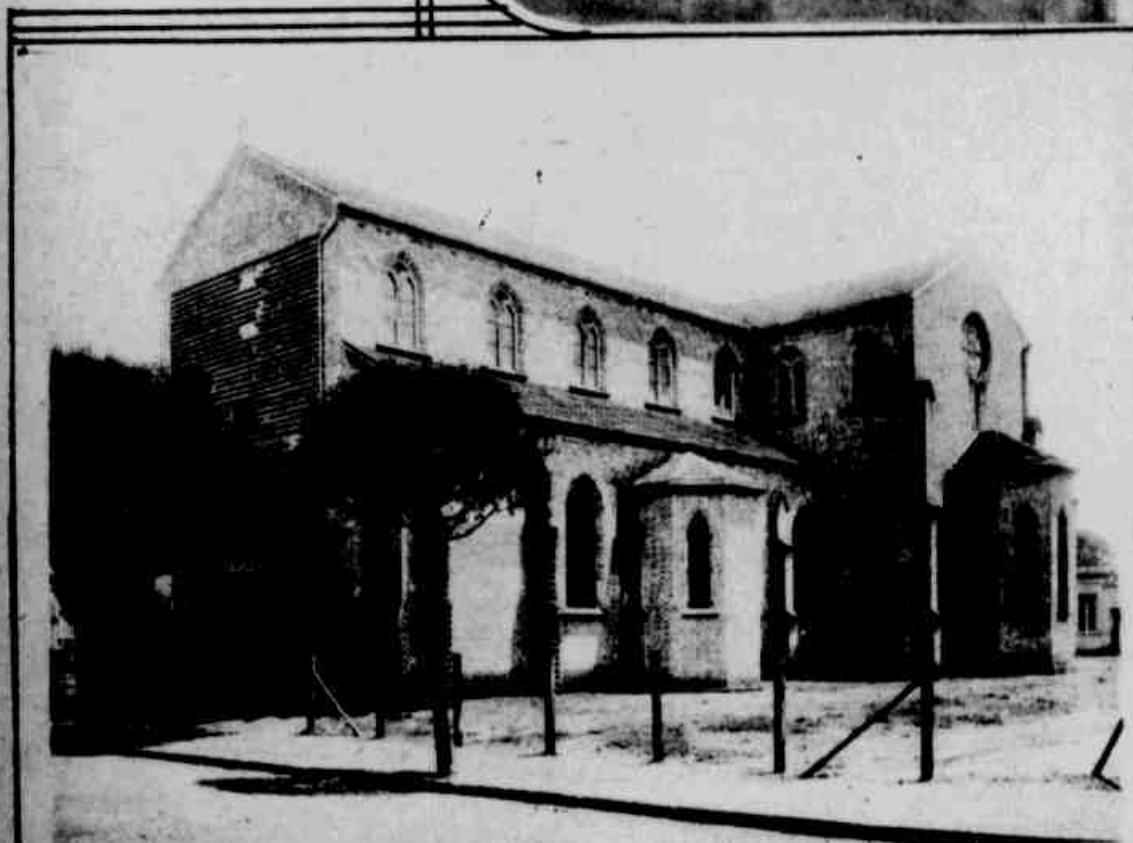
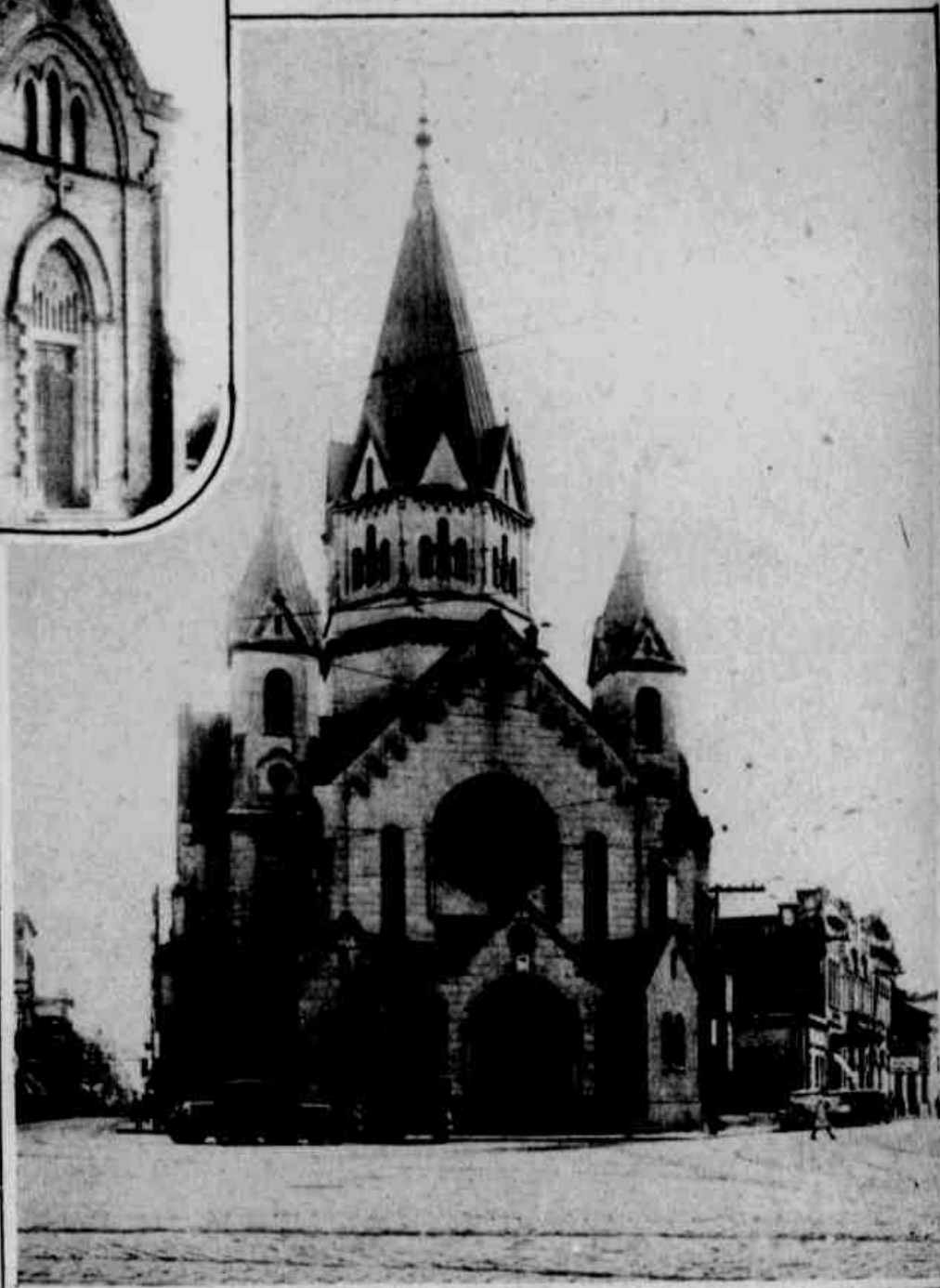
IGREJA DO CONVENTO DA ORDEM 3ª DE S. FRANCISCO

MATRIZ DAS PERDIZES

IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA

IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS

IGREJA DO CARMO

IGREJA DOS REMEDIOS

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA LAPA

IGREJA DE SANTA GENEROSA

IGREJA SANTA EPHIGENIA

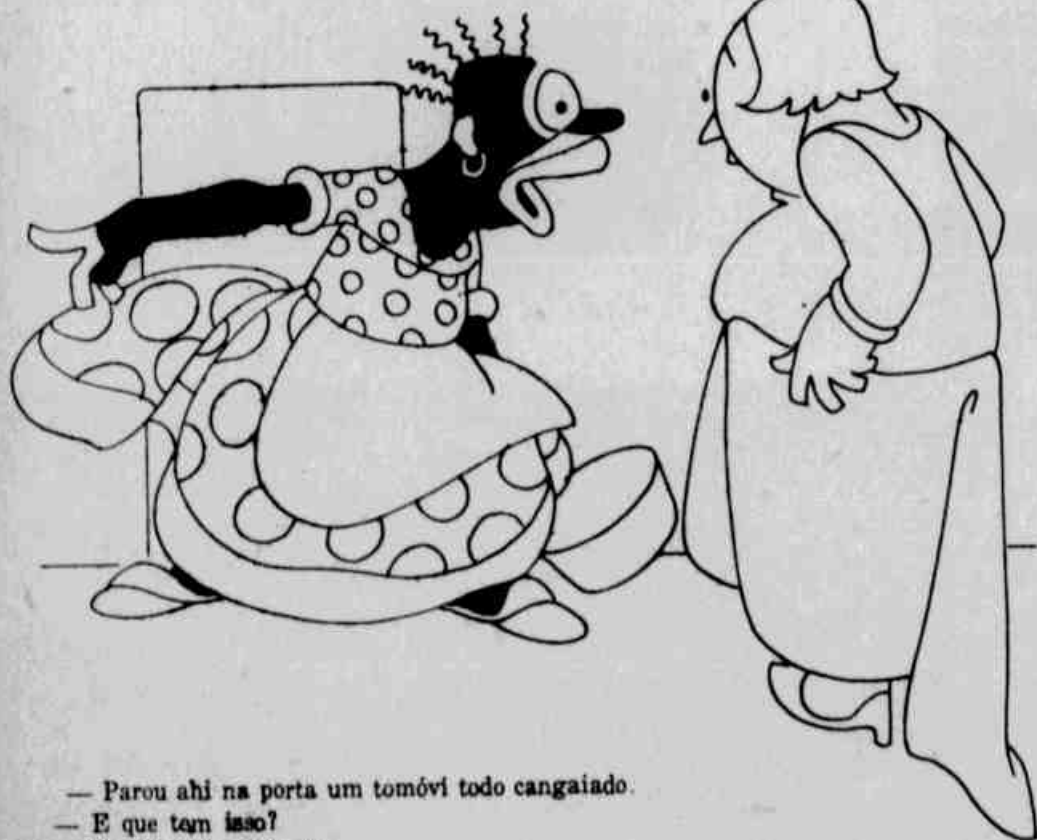
RIO... RINDO

— Hom'essa!...

— Saiba V. S. que o café aqui é 200 rs.
— Muito bem, muito bem. Manda tocar a 'Dalila".

— Agora não posso sahir daqui. Estou esperando aquelle camarada.

— Vinte mil réis! Para que?
E'... eu vou passar pela avenida...

— Saiba você, *seu* guarda que essa busina, com o carro parado, equivale a um galanteio.

— Parou ahi na porta um tomóvi todo cangaiado.
— E que tem isso?
— Tarveis seje o Getúlo

— O cambio subiu, Nicoláo?
— Num sinhô. Eu tive toda menhã varrendo a escada e não subiu ninguem.

Imagens da Vida

O materialismo quotidiano cansou o espectaculo sem encanto da conquista do ouro e do pão. Procura agora divertir-se com as figuras, collocando-as sobre planos infinitos, violentos, luminosos. Ha uma curiosidade infantil no espirito moderno. Essa curiosidade espraia-se em todos os sentidos. Cada gesto indica uma theoria do conhecimento. As imagens, os symbolos vão caminhando através um tecido de illusões, e são figuras que nascem, movimentadas, coloridas, energicas, ou são figuras que desapparecem lentas, suaves, amaveis. Nos tempos heroicos, essas imagens eram dynastias lunares, palacios aereos, um torpor de maravilhas que substituiriamos mais tarde pelos segredos do studio, pelas machinações engenhosas da gravura, da scenographia e da tinta. Com esses instrumentos prodigiosos, a figura matou a palavra-velha soberana das assembléas e conciliabulos de todos os tempos. A edade classica foi tambem o culto do movimento, o exercicio das fórmas superiores, e, assim, saltaram os povos do esplendor das parabolas á magestade das marathonas. Mais tarde, os reis cabelludos inventariam bazares coloridos e os reis indolentes criariam o luxo e o fausto dos banquetes. Mas, os reis passaram. A figura moderna é uma exaltação dos sentidos. Por ella, chegámos á realidade esthetica, á interpretação natural da vida e da arte. Transformação incessante do tempo, a Figura se oppõe ao vocabulo pobre, á phrase pura e á idéa simples. E' sensibilidade e critica. Exprime todas as sensações e recorta todos os impulsos. Pela figura, o nosso entendimento alcança depressa os objectos tangiveis, volumes, contactos sensiveis, factos physicos, entidades naturaes. O cinema ampliou o poder de suggestão, a influencia mesma da figura, dando-lhe relevos magicos, tornando-a menos um producto da machina que um capitulo de psychologia do movimento. Almas batidas pela tormenta perdem-se na contemplação ou no extase da imagem imponderavel. E do extase nasce a alegria — base do espirito, nuica realidade que não se pinta nem se fantasia dentro do tempo e do espaço...

Senhorita Yolanda Costa
Rainha da Mi-Carême

(Photo Chapelin)

BEZERRA DE FREITAS

Da Italia

Em cima: o Primeiro Ministro Benito Mussolini e altos diplomatas do paiz com os delegados inglezes que foram tratar da limitação naval dos armamentos. No Palacio Veneziano.

Em baixo: Mussolini com o General Italo Balbo, o General Ulberto Valle e os officiaes aviadores que fizeram o vôo Orbetello-Rio de Janeiro. A' direita de Balbo, Maddalena que morreu ha pouco, tragicamente.

International News Photos

De bonde

por SAMUEL TRISTÃO

AQUELLA historia de vender e comprar bondes, atrapalhou a vida da gente. Tirando os que têm dinheiro escondido, o resto está na miséria. E andando de bonde, bonde alheio, com passagem paga.

FELIZMENTE, ainda não se anda a pé. E felizmente, o bonde distrahe. Além da estupidez dos cobradores, ha os jornaes, os livros sem importancia, e ha os companheiros de viagem. Ha tambem o silencio. Aquelle silencio do papagaio. Eu por exemplo, sentado no meu pedaço de banco, não falo. Mas para pensar sou um bicho.

PENSO, por exemplo, no Brasil. No velho e neste. O Brasil velho era todo escripto a lapis. O borrão de uma patria que, mais tarde ou mais cedo, tinha que ser corrigida e copiada sem erros. A revolução fez de borracha. Apagou o borrão. Mas o papel ficou marcado. Com um pouco de paciencia a gente lê tudo que estava escripto...

PENSO em nós. Brasileiros. Exaggerados. Pessoaes. Afflictos. Temos um enthusiasmo immenso de repente. Como um ataque. Depois, volta o estado normal: desconfiança, falta de animo, aborrecimento. Ou somos sem educação ou educados de mais. Instinctivos ou cultivadissimos. Botamos a bocca no mundo com palavras horriveis, ou sorrimos, olhando o que acontece, com uma delicada preguiça de falar. Nós somos assim. Tostão ou conto de réis. Ora, é preciso tirar a média...

ETC...

Da Hespanha

Leaders da revolução photographados na prisão: Sanchez, Aedo, Oteyza, Palomo, Eduardo Ortega y Gasset, Angel Galarza, Escudero, Maura, Alcalá Zamora.

Manifestação em 15 de Fevereiro na Carrera de San Jeronimo, em pról da republica

Marcelino Domingo

O coronel Macia, autonomista catalão, hoje chefe do Estado que tem a sua capital em Barcelona. Instantaneo de quando chegou a Figueras, depois de haver sido posto em liberdade.

Camelots, na Puerta del Sol, em Madrid, vendendo o retrato do capitão Galan, um dos chefes da revolta de Jaca, que foi fusilado.

(Photos Orrios)

Alejandro Lerroux, presidente do partido radical.

O PAE DA

POR R. MAGAL

Miyo-ko Miyanori, de 19 annos de idade, filha de um millionario e a mais joven aviadora japoneza. Em saltos de paraquedas acaba de obter um grande premio, deante de 5.000 espectadores. Ella espera aperfeiçoar-se na aviação acrobatica.

MAUDE DUPRAT, aos vinte e cinco annos, era a mais encantadora corista do *Folies Bergères*. O seu corpo era uma esculptura viva, muito claro e harmonioso. A cabelleira fulva e opulenta cahia maravilhosamente sobre a porcellana alvissima dos hombros. E as pernas ageis e bem talhadas eram o ponto de convergencia dos binoculos atrevidos dos velhotes ricaços, infalliveis occupantes das filas A, B e C.

O grande sonho, a ambição maior de Maude Duprat era ser *vedette* da companhia. Esse desejo, aliás, resumia varios outros desejos secundarios, varias sub-aspirações, entre as quaes estas: possuir um auto Bertholet, ter o nome impresso em letras luminosas, grandes e vermelhas, na fachada do theatro, e trocar o seu quarto pobre da pensão da Wère Durand por um luxuoso appartamento nas immediações de Passy.

O destino, entretanto, parecia conspirar eternamente contra Maude Duprat. Embora a pequena corista apurasse as suas habilidades choreographicas e gastasse todo o dinheiro que ganhava em "toilettes" vistosas e chapéos com plumas, o atrabiliario *metteur-en-scène* jamais lhe deu a menor attenção. Raramente Maude conseguia intervir na representação de uma pequena scena, isolada do corpo de baile. E, quando isso acontecia, davam-lhe um papel insignificantissimo e o seu nome, no programma, era reduzido á expressão synthetica de um symbolo chimico: Melle. M. D.

Os jornaes, quando lhe estampavam o retrato, punham sempre uma legenda irritante que tornava ainda mais doloroso o seu anonymato: "uma das *beauties* da ultima revista do *Folies Bergères*". Ou, então, isto: "uma das carinhas bonitas do nosso theatro..."

Maude Duprat sentiu-se, finalmente, cansada de tanto dansar e ser anonyma. Sobretudo de ser anonyma. Acabou por desanimar. Desistiu da sua ambição, de ser *vedette*. E subitamente desappareceu de Paris, sem que ninguem soubesse para onde fôra. Quasi ninguem deu pela sua falta. Apenas os seus trinta e cinco cortejadores notaram a sua ausencia. Mas logo no dia seguinte voltaram a attenção para uma nova corista, que antes dansara sobre o arame no Circo Hargendoff e que, bailando, parecia voar...

*

* *

Dois annos mais tarde, Maude — aliás Mme. Maude Duprat — fez a sua *reentrée* em Paris. Não como corista, nem mesmo como *vedette* do *Folies Bergères*. Mas como mulher sensacional, como *femme chic*. Realizára parte de suas aspirações: tinha um luxuoso appartamento nas immediações de Passy e um auto Bertholet. Faltava-lhe, apenas, o nome impresso em letras luminosas, mas isso era compensado pelas constantes citações que os chronistas sociaes faziam sobre a elegancia da "bella Maude Duprat" nas corridas de Longchamps, nos chás, nos theatros, em todos os logares frequentados pelos homens bem vestidos e pelas mulheres bem despidas...

Maude vivia só. Perdão, exaggero. Vivia apenas com a encantadora Simone, uma linda creança de dois annos apenas. Aquelle luxo, aquelle conforto, aquelle esplendor da ex-corista causava o mais vivo espanto e uma inveja ainda mais viva ás suas ex-collegas do *Folies Bergères*, nelles. S. P., R. F., E. M., e outras figuras igualmente anonymas...

Que milagre seria aquelle? Uma sorte na loteria? Uma herança inespe-

CREANÇA

HÃES JUNIOR

rada? Um casamento com um velho ricaço e uma viuvez brusca e providencial?

Mysterio...

*
* *

Armand de Claucy, presidente do Syndicato dos Corretores, era um homem torturado por dous receios terriveis: o de que o valor das acções da Consolidated diminuisse e de que os ciumes de sua esposa augmentassem. Poderiamos ainda accrescentar esta observação, para melhor definir-lhe o perfil: era um homem que usava sobretudo preto com gola de velludo azul. O detalhe poderá, talvez, parecer de pouca importancia, absolutamente prescindivel. O leitor, entretanto, se convencerá do contrario, se lhe asseverarmos que o sr. Pierre Meurisse, advogado do Syndicato dos Corretores, tambem tinha uma esposa ciumenta e usava sobretudo preto com gola azul. A esse ponto o leitor intelligentemente terá advinhado a intenção do contista. Já sabe que Meurisse visitou Clancy e sahiu do escriptorio deste com o sobretudo trocado.

Como o frio era intenso, Meurisse, ao metter-se no taxi, enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo. No da direita encontrou um objecto que não se lembrava de haver guardado. Era a photographia de uma linda creança, em cujo verso estava escripta em bello cursivo esta dedicatoria: "Para o meu adorado papá, Simone Clancy". Meurisse mirou e remirou o estranho achado, soltou uma violenta imprecação e deu ao *chauffeur* a direcção de Maude Duprat.

— Oh! Pierre, que surpresa! Tu por aqui? — exclamou a ex-corista.

— Sim, — retrucou ao advogado. — Temos que falar. Temos que acabar com esta comedia... E dizer-se que eu acreditei, tolamente, nas tuas palavras, quando disseste que ias viver, de agora em diante a p e n a s para a t u a filha...

Maude contestou essas palavras. Afiançou que estava vivendo decentemente, para que sua filha, mais tarde, não se envergonhasse de ouvir-lhe o nome. Meurisse, num assomo de indignação, exhibiu-lhe o retrato de Simone.

— Que me dizes agora, diante disto, deante deste retrato? Vamos! Responde! E' ou não igual ao que eu possuo? Até a dedicatoria é a mesma. Apenas o sobrenome variou de Clancy para Meurisse... Então? Vamos! Decide: Simone Clancy ou Simone Meurisse?

Maude, afinal, confessou. Nem Clancy, nem Meurisse. Tudo fôra uma fraude bem architectada. Depois de dois annos de repouso em Fontainebleau, Maude reappareceu em Paris com uma linda "baby". Apresentou a creança como filha de cada um dos seus antigos cortejadores do *Folies Bergères*. Trinta e cinco, ao todo. E os ricaços, ameaçados de escandalo, concordaram, um por um, em dar uma alentada pensão para a ex-corista crear com todo o conforto e educar com todo o carinho a pequenita Simone.

Quando Maude terminou, Meurisse resolveu perdoal-a, porque as mulheres intelligentes sempre merecem perdão. Não ha muito que perdoar.

O advogado evangelicamente absolveu-a da culpa. E sem conter a curiosidade, indagou, por fim:

— Maude... Afinal, quem é, realmente, o pae da creança?

— Simone não é minha filha, — respondeu a ex-corista. — E' de minha irmã casada que mora em Fontainebleau... Mas creio nem ella mesmo o sabe...

Este bello estudo photographico constitue o mais recente retrato da princeza Ileana da Rumania. Aqui a vemos com um bellissimo galgo russo. A princeza Ileana é irmã do Rei Carol e filha da Rainha Maria. Dedica-se inteiramente aos sports especialmente á aviação.

CAMPOS — ESTADO DO RIO — Trecho da Praça São Salvador

O JOAZEIRO

A M. PAULO FILHO

Diz qui o joazeiro tão verde,
verde, apesá do calô,
é, prus cabôco do Norte,
sombra di Nosso Sinhô!

Quando, no tempo da sêcca,
a agua do céo já não cai,
abre seus braço di fôia,
qui é cumo os braço di um pai!

Todos, qui soffre o castigo,
esse castigo do céo,
vendo o joazeiro tão verde
jueia e li tira o chapéo!

E' qui o joazeiro é milagre,
prova do amô di Jisus,
qui fez nascê essas fôia
no tronco secco da cruz!

DOMINGOS MAGARINOS

(D'A poesia do sertão)

Chegada do futuro rei da Inglaterra e imperador da India á fazenda Barbosa Ferraz.

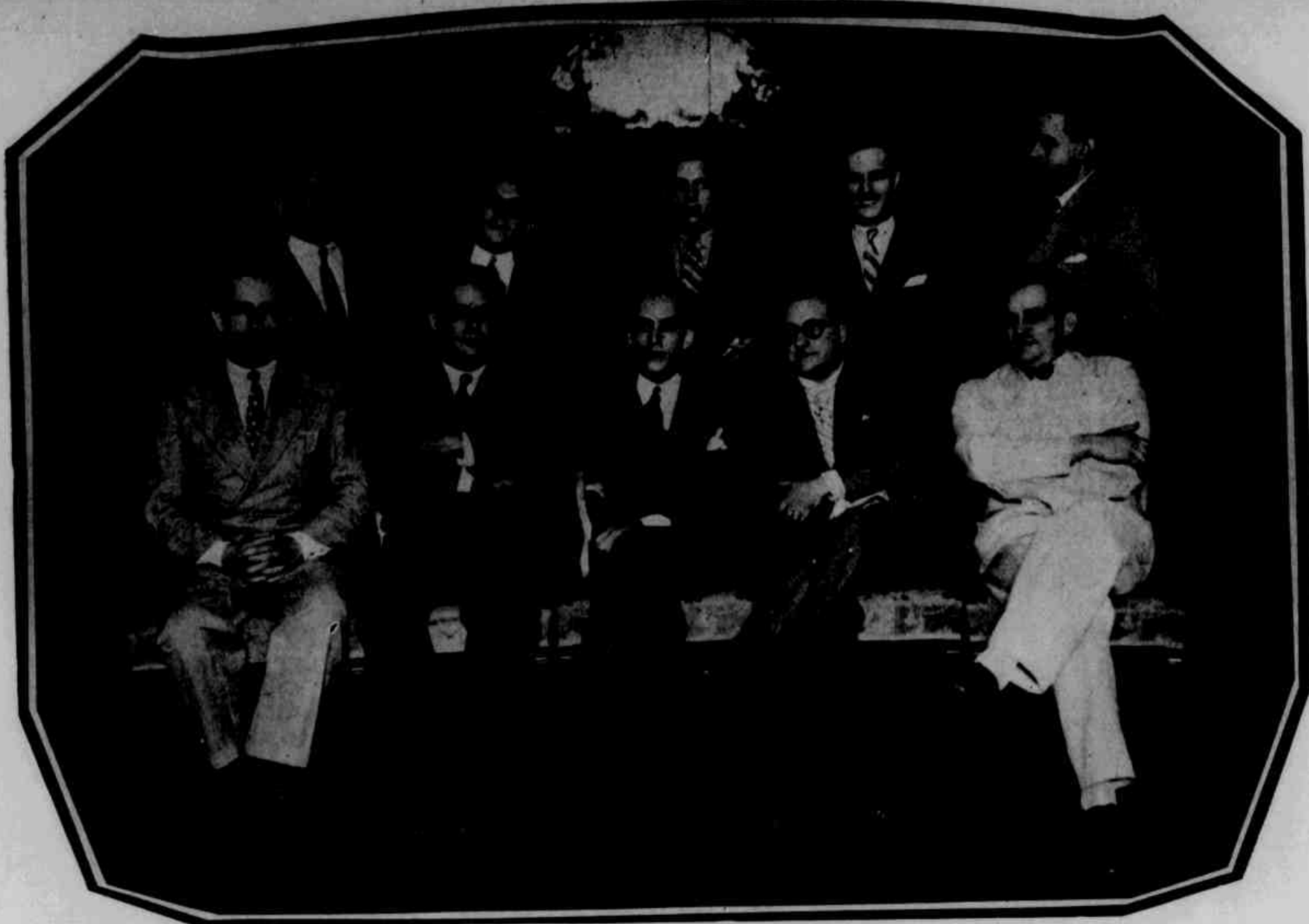
Os dois irmãos vendo como é uma anta.

O Principe de Galles conversando com Lord Lovat

Nos cafesaes com o senhor Nestor Barbosa

Fazendo fita

A' direita, no centro da pagina: em passeio pelo parque da Fazenda. Em baixo, á esquerda: Edward David cinematographando

O Principe de Galles e o Principe George no Paranapanema

UGO PINHEIRO GUIMARÃES

Bem que elle quiz esconder. Mas todo mundo descobriu. O professor Ugo Pinheiro Guimarães é o escriptor Jayme de Atouguia, que escreveu as paginas verdadeiras do romance "Suaves Torturados". Então, alguns amigos delle resolveram festejar a descoberta com um almoço muito intimo, no Automovel Club. Ahi estão com Ugo Pinheiro Guimarães, sentado ao centro: J. de Souza Mendes, Castro Araujo, Alvaro Moreyra, Helderde Siqueira Gomes, Felinto Coimbra, Paulo Rocha, Quaresma, Plinio Pinheiro Guimarães, Estellita Lins.

CASA DO ESTUDANTE

Artistas e amadores que tomaram parte na linda festa do Theatro Lyrico.

João Neves da Fontoura

É' UM bicho! — diziam no tempo mais bonito da campanha liberal. Que bicho? Tigre? Talvez. Pela velocidade com que se atirava contra os inimigos, sempre de frente. Leão? Podia sêr. Era o rei dos deputados. Aguia? Tambem. Vinha do alto, ia para cima. Toda a zoologia violenta e nobre dava symbolos para aquelle homem que não se parecia com os homens em torno delle. Porque, quando a gente quér falar bem de uma creatura racional, lógo a transfórma em irracional. É o elogio maximo. Quem nunca recebeu patas ou asas nunca interessou definitivamente os seus contemporaneos. Tigre. Leão. Aguia. Pombinha do Espirito Santo. Não a que está no céo entre o Padre e o Filho. Outra. Dos fógos de Porto Alegre, em frente da Matriz. A praça apinhada. Leilão de prendas. Musica. Cinema. Foguetes. Os fógos depois, cheios de côres brilhantes, allegorias que rebentam e illuminam o ar da noite de inverno. Maravilhas. No final, a pombinha. Ella sáe em linha recta, lançando faiscas, vae incendiar o castello distante. Pum! trátrátrátrátrátrá! Rrrrrrr! Pum! pum! pum! Destino exacto. Rumo certeiro. Rapidez. Claridade. Estrondo. João Neves da Fontoura.

ALVARO MOREYRA

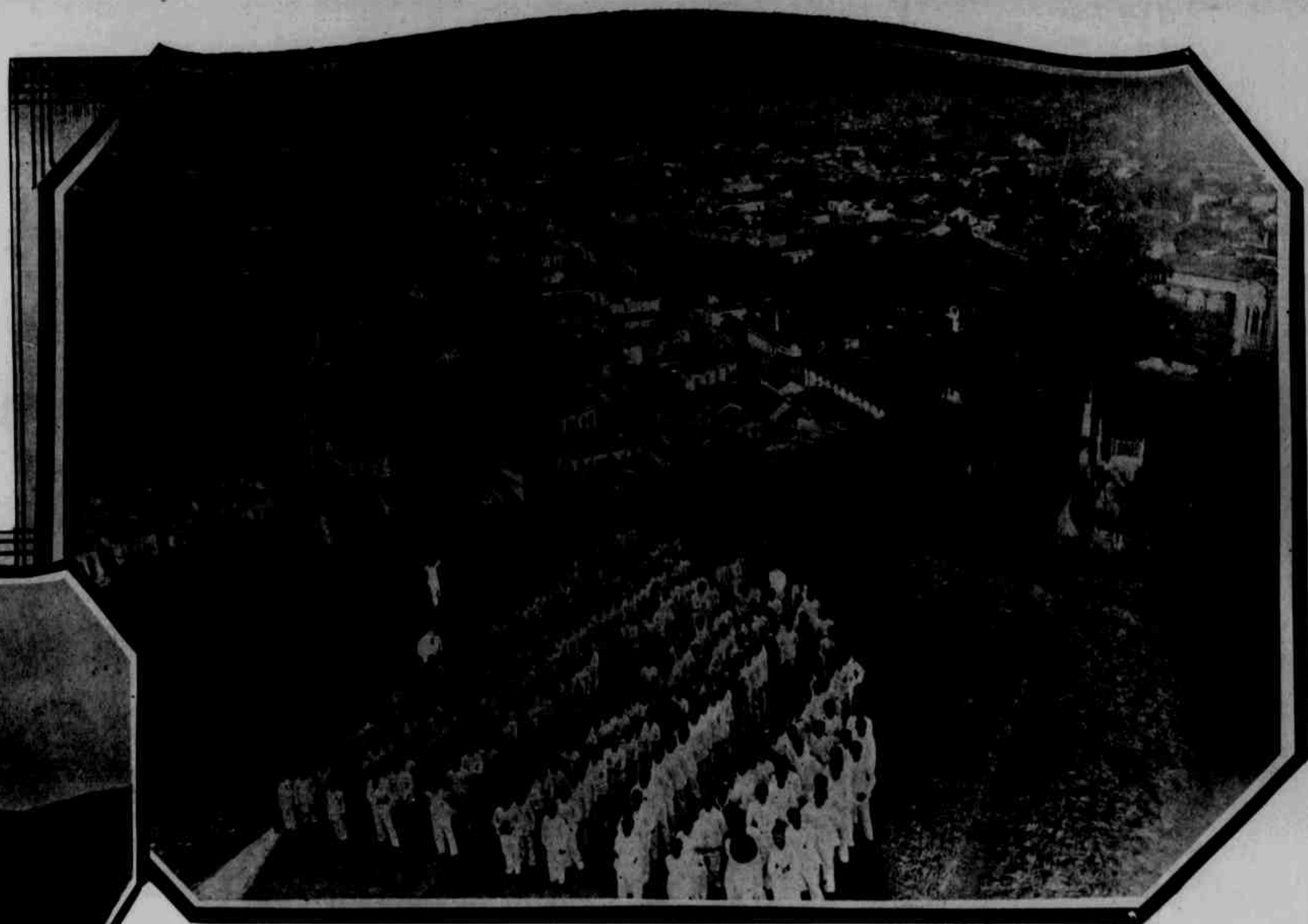
Desenho de J. Carlos

Da outra Semana

Aviadores navaes, officiaes e jornalistas brasileiros assistindo ás manobras dos aviões inglezes.

Aviões inglezes voando sobre o Pão de Assucar.

A partida dos aviões do cáes do porto.

Tripulação do avião amphibio da Panair, momentos antes de alçar vôo para Corumbá, afim de incorporar-se á Expedição Perfilieff.

Alumnos do Collegio Salesiano, em Nictheroy, quando foi da visita do R. P. Pedro Tirone, do Capitulo Superior da Congregação.

Escriptoras e artistas brasileiras reunidas para a fundação de uma sociedade de arte. Ao centro, sentada, a pintora Sarah de Figueiredo.

Na Escola de Bellas Artes

O pintor Solotarof no dia em que inaugurou a sua exposição que todo o Rio intelligente visitou e admirou.

Se Christo voltasse...

...E appareceu, vindo não se sabe de onde, um homem muito bello e muito bom, de longas barbas castanhas, cabellos cahidos em cachos sobre os hombros, uma suavidade maravilhosa nos olhos doces e uma meiguice inédita na voz.

E elle trajava uma tunica branca que vinha até os pés.

Seguiam-no homens maltrapilhos e mulheres de filhos aos collos.

E dizia a sua historia que elle era um santo.

Transformara agua em vinho, dera vista ao cegos, sesuscitara os mortos, curara os leprosos, prégava a bondade, promettia um reino extra-terreno, e sendo o rei dos reis era o humilde dos humildes...

—

Mil
Novecentos
E trinta e um.
Christo voltou.

Fez curas e angariou discipulos. O delegado regional tomou providencias para evitar perturbação da ordem. Os padres intimaram suas ovelhas a não se approximarem do homem das idéas perigosas.

Os medicos da região fizeram um appello ás autoridades, contra o charlatão.

Mas o homem novo era um sabio e era um santo. E o povo se agglomerava em torno delle.

A sua palavra automatisava as multidões.

Infundia aos desesperados uma esperança nova.

O peccador se arrependia, ao som magico de seu verbo.

Os surdos ouviam-no e os mudos tinham voz para abençoal-o.

O chefe politico temeu a sua concurrencia ás eleições proximas.

E Christo foi enxotado dali.

—

Mas a sua fama e a claridade de sua luz foram se projectando além. Da Capital veiu um cavalheiro de oculos, caneta-tinteiro e um bloco de notas. Enviado especial da Empresa Jornalistica Nacional, com orgão nos grandes centros do paiz.

E o cavalheiro de oculos transmittiu, para os seus jornaes, irreconheciveis, as palavras do homem estranho.

Os grandes caricaturistas fizeram charges chistosas a respeito.

Um theatro de revistas levou á scena o "Novo Christo", "peça humoristica de real valor, em que a actriz Z encanta a platéa com a sua voz deliciosa e o seu corpo esculptural" como disse o critico theatral de "A Tarde".

As agencias informativas transmittiram para o mundo todo, por sob o mar, pelos fios e pelo ar, a noticia da apparição do homem extraordinario.

Nos chás elegantes exploraram-se paradoxos wildeanos sobre o caso do dia. A "News Picture" radiographou ao homem exotico, offerecendo-lhe 500 milhões para posar um film falado, cantado, synchronisado e 100% colorido, com bailados em que figuram as mais lindas mulheres do mundo.

A "Londoris Voice" offereceu alguns milhares de libras, para que elle dissesse algumas palavras pela sua estação de radio.

O Empresario de "La Reine Margot", de Paris, propõe-se a contractal-o por uma quantia fabulosa, para uma exhibição.

Os Freuds focalizaram o homem extraordinario, examinando-lhe o complexo de Œdipo.

Bernard Shaw lançou ao mundo sua ultima anecdota sensacional.

Appareceram imitadores ás centenas.

Folhetos com a "historia completa, em versos, da vida do Novo Santo".

Os Judas preferiram compral-o, ao em vez de vendel-o.

—

Christo não foi levado á cruz ou á cadeira electrica.

Atirou-se ao mar, de uma barca da Cantareira.

NEWTON BRAGA

Com os nossos amigos inglezes

Dois instantaneos da festa que o Commandante e os officiaes do "Eagle" offereceram á Sociedade carioca

ESPELHO

Greta Garbo que, apesar de todas as rivaes e de todos os films falados, continúa de cambio alto. E' a mulher fatal. Profissão optima.

Marlene Dietrich que fez o "Anjo azul" e pôz em perigo a cotação de Greta Garbo entre os amorosos do cinema e da paixão branca.

O senhor Lucio Costa, architecto de verdade, escolhido para director da Escola de Bellas Artes, já começou a dar vida nova áquella catacumba. Nomeou professores de esculptura e architectura, que são artistas em movimento, intelligencias activas. Entre elles, Celso Antonio e Gregory Warchavchiv. Por isso, os mortos têm se levantado do fundo das cóvas e gritado contra. Quando elles sahiram do mundo a arte moderna nascia, falavase em futurismo. Ha muitos annos. Nos protestos de agóra, os pobres enterrados ainda falam em futurismo e em arte moderna... Como o Brasil é longe!

UMA novidade gostósa: Augusto Frederico Schmidt organizou uma empresa de edições: "Schmitd, Editor". O primeiro livro é de Marques Rabello, e apparecerá na proxima semana.

Bernard Shaw no British International Studio, perto de Londres, quando se filmava a sua comedia "How the Lied to Her Husband".

A falta de dinheiro não assustou o empresario Piergile do Municipal. Elle contractou uma temporada de concertos com pianistas, cantores e violinistas celebres, daqui e do estrangeiro, e já esta semana ouvimos João de Souza Lima que teve uma casa magnifica. Vamos ouvir ainda Pina de Monaco, soprano ligeiro, nossa patricia, e Kubelik e Rubinstein. E' quasi certo que Villa Lobos seja tambem contractado, para apresentar as suas obras recentes. Por que não convida o senhor Piergile o barytono Andino Abreu, o mais fino dos cantores brasileiros?

VICTOR de Carvalho e Edmundo Lys terminaram a peça de estréa da Companhia de Comedias Musicadas que apresentarão breve no Theatro Casino. Dessa Companhia, sem profissionaes, fazem parte a Senhorita Lásinha Luis Carlos e o senhor Sergio da Rocha Miranda. As bailarinas serão ensaiadas pelas irmãs Magdalena e Beatriz Bomilcar, que tambem dansarão.

ATE' a hora de encerrarmos esta pagina, não tinha sido proclamada nenhuma outra republica e a revolução em Portugal ainda era a mesma da semana passada.

Isolina Seramota cantora muito admirada. Tem discos gravados com grande successo.

Para a mesa de toilette Creação Model

Henriqueta Lisboa premio de poesia em 1930 da Academia Brasileira de Letras.

Retratos a pena
Barão de Ramalho

DE

AURELIANO LEITE

Todas as vezes que percorro a rua da Consolação e observo na antiga vivenda do barão de Ramalho aquelas duas velhinhas octogenárias, sua filha e sua enteada, a cocar para a rua, por entre as vidraças e as meias cortinas de filó, a imaginação se me retrotrae meio século. E vêjo então o titular no apogeu de sua merecida consideração.

O casaraço, de que podaram os beirais largos, para o armarem daquela platibanda que lhe italianizou o aspecto, resplandece de paulistas importantes. As honras da casa competem á baronesa. Suas filhas, moças e naturalmente bonitas, vêm para os salões deleitar as visitas. Faz-se música e recita-se ao compasso de Dalila. Conversa-se, por sussurro, na moda sempre exagerada, na heresia do tempo, nos trabalhos dos republicanos e abolicionistas. As pessoas mais graves murmuram entre si coisas que nem todos podem ouvir... As moças, então saem para a janela. Vão olhar a rua limosa que, uma ou duas feitas por semana, demanda um entêrro, o esquife quase sempre condusido a mão.

Lá, para dentro, a vida de trabalho dos antigos solares, cuja nobreza perturbam as silhuetas amarguradas dos escravos. Chegam da mataria semi-virgem, que se emenda ao terreiro e á horta, e de que ainda resta pequena parte, trinos e pios da passarada silvestre. A aragem traz tambem o cheiro acre da floresta.

Aqui fóra, na rua, a pasmaceira e a rotina de uma cidadinha morta do interior. A via estreita, mais uma estrada (saída para São Roque), sóbe em curvas o morro do Chá, rumo do cemitério novo, o Consolação. Aquem da necrópole, á mão direita, torce o caminho (hoje talvez rua Maria Antónia), o qual leva aos campos de trás — actual Higienópolis, que Ramalho comprara por três contos de réis, a Guilherme M. Rudge, (1) e mandara valar e cercar. Destinou a parte da cidade, tornada a pupila dos olhos dos paulistas, a pasto do seu cavalinho de sela. Era aquele em que, para fazer um pouco de equitação e dar uma folga ao bom cocheiro Cármine, empreendia, uma vez por outra, o percurso até á Academia, ou ao palácio, quando o marquês de Três Rios rogava o seu concurso nalgum caso exdrúxulo.

A partir da venda do pasto, por cuja uma fracção Nothmann e Burchard lhe pagaram 300:000$000, (e mais pagariam se o barão não achasse a oferta, a princípio, brincadeira de mau gôsto) veio a transformação que agarrou S. Paulo e não o largará enquanto lhe não mudar a fisionomia, traço por traço.

O barão viveu uma bôa década. Se não alcançou os arranha-céus, o rádio e a aviação, nem mesmo os automóveis, existiu até ao bonde eléctrico, pois que morreu em 15 de Agosto de 1902, com 93 anos, e a dirigir a Faculdade de Direito de S. Paulo.

Não obstante muito velhinho, com a barba uñida ao cabelo, assim como uma pasta de algodão a enrodilhar-lhe o rosto liberto de outros pêlos, exclusive os da sobrancelha basta e branca, até hoje se comenta e se louva a sua serena energia no derradeiro pôsto.

Pânfilo de Assunção, o que foi auxiliar de seu escritório, pinta a sua existência simples de habitos excessivamente modestos. A despeito de homem rico e da remodelação da sua casa, manteve em sua sala de trabalho e dormitório as mesmas disposições da vida serena passada. Enganar-se-ia quem ao visitá-lo, supusesse encontrá-lo em meio de secretária luxuosa, divãs macios e tapeçarias caras. Ao contrário. Sempre á sua banca tosca de trabalho, ou repousado em antigo sofá de palhinha, era a figura veneranda que dominava, no aposento. E, nesse recesso, onde tanto havia meditado e estudado, recebia com igual afabilidade quantos o procuravam, poderosos e humildes, sábios e ignorantes.

Não há um só cronista, dos que se têm ocupado de Ramalho, que não o louve sem restrição. Almeida Nogueira, Spêncer Vampré e Valdemar Ferreira são contestes nos seus juizos. O primeiro dizia que se citava a opinião do jurista como textos de lei. O segundo chega a ser poeta — "Poucos como êle roçaram pelo pantanal da existencia, sem tingir na lama os sapatos. Diríamos melhór — sem nodoar na lama as suas asas. Os grandes homens como Ramalho, têm alguma coisa dos anjos e, quando morrem, encontram as asas perdidas, e abrindo-as, brancas e imaculadas, ao sol da eternidade, galgam, cantando, o azul, e se abismam no seio do Senhor! O terceiro, tão ridiculo nos qualificativos, chama-lhe uma das mais gloriosas existências consagradas ao estudo, ao ensino e pratica do direito.

Conselheiro Dr. Joaquim Ignacio Ramalho "Barão do Ramalho".

O mais das vezes diminue-se com a morte. Ramalho cresce com a morte.

Quando se encara o seu prestígio e se volta para trás, á sua origem humilde, "desafogada do pêso dos nomes de ilustres avoengos", como disse Brasílio Machado, compreende-se melhór a sua valia. (2)

Filho do licenciado em cirurgia, José de Sousa Saquete, adoptou o apelido da família a cujos cuidados fôra entregue. E tanta questão fez dêsse nome que, sendo nomeado, já na velhice, em 1887, barão de Água Branca, só aceitou o título quando o imperador lho mudou para Ramalho.

Mocinho ainda, mas não querendo viver apenas do auxílio dos adoptantes, atirara-se ao trabalho. Dedicado aos livros, sua vocação para o professorado manifestou-se-lhe logo nas lições particulares de geometria e filosofia que passou a dar. Depois, matricula-se e, "como ganhando novas fôrças ao atingir a montanha sagrada, donde têm partido tantas águias atrevidas, logo se distinguiu na aplicação e no senso jurídico". Com 24 anos, em 1834, era bacharel em direito. No ano seguinte, defendia teses. Com mais um, fez-se lente. Tudo na Faculdade de S. Paulo.

Dentro da sua vida de mestre, jurisconsulto e publicista, enquistaram-se 27 anos de actividade política. Então foi vereador, presidente da Cámara municipal de S. Paulo, de onde o guindaram ao govêrno de Goiás, vindo de lá e por lá deputado geral.

Fez parte em seguida da Assemblea provincial de S. Paulo, onde teve assento três vezes como seu presidente.

Consumiu-lhe tudo isso o espaço entre 1842 e 69.

Iniciara-se político formando ás fileiras revolucionárias do brigadeiro Tobias de Aguiar e padre F[illegible]jó, em 1842. Por signal que, referindo-se a essa minúcia de sua existência, dizia:

— Não conspiro mais contra o poder constituido. É na revolução que se conhecem os homens. Em 1842, sómente os conspiradores e um escravo da confiança de Tobias sabiam o roteiro da fuga deste, em caso de desastre. Pois a escolta do governo seguiu o caminho do chefe revoltoso, o que quer dizer que teve conhecimento dêle por algum dos conspiradores... Entretanto encontrara o escravo nesse caminho, ameaçara-o de morte, chegando a pôr-lhe ao pescoço um laço, como se o fosse enforcar. E o negro nada disse sôbre o paradeiro de seu amo... Comparem-se êsses dois modos de agir e digam se se póde confiar em companheiros de revolução...

Saído da politica, voltou á catedra, a seu escritório de advocacia e aos estudos jurídicos. Até ali já lançara várias obras, como o "Processo Criminal"; o "Tratado sôbre as fontes de direito positivo", escripto de colaboração com seu grande amigo João Crispiniano Soares, cuja carreira se assemelhava em tudo a dêle; as duas célebres "Praxe Brasileira" e "Prática Civil e Comercial", onde, procurando atenuar as delongas, as penas, as despezas, e os próprios perigos de Justiça, transcreve, no limiar, as palavras de "L'Esprit des lois", que considera tudo isso "le prix que chaque citoyen donne pour sa liberté".

Em 1874, publicou seu derradeiro livro jurídico: "Instituições Orfanológicas".

Nem sempre seus trabalhos foram uni-

(Termina no fim do numero).

O LUZEIRO AGRICOLA

MONTEIRO LOBATO

SIZENANDO Capistrano é inspector agricola do centesimo districto. Incumbe-lhe estudar, guiar, fomentar a lavoura, amamentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de machinas agricolas, preconisar a polycultura, combater a rotina e, ao fim de cada mez, perceber na collectoria a realidade de 700 mil reis.

Antes de inspector, Capistrano foi poeta. Cultivou as musas (não a *musa* bananeira, mas a grega Polymnia); não sabia que cousa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados, e fazia pés d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emmagrecia-o. A sua producção de hendecasylabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, eglogas, satyras, anagrammas, logogriphos, charadas novissimas e enigmas pittorescos, comquanto copiosissima, não lhe dava pão para a bocca nem cigarro para o vicio. A pallidez de Capistrano, sua cabelleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varella, seu *spleen* a Lord Byron, suas attitudes fataes ao envez de lhe aureolarem a face de um nimbo de poesia, commiseravam o burguez, que ao vel-o deslisar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, dizia condoido:

— Não é poesia, coitado, é fome!

Os editores artilhavam a cara de carrancas más quando Capistrano lhes surgia escriptorio a dentro, sopesando a arroba de versos primorosos candidatos á edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lyrico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico — retorquia a féra. De lyrismo bastam-me aquellas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vende nem a peso.

— O' vil metal! murmurava o poeta, franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da creação, do suino toucinhento que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eummenides! Musas da Colera! Inspirae-me versos de fogo onde apu'e té os penetraes da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire! dae-me os teus venenos...

— Rapazes, berrava o livreiro á caxeirada, ponham-me este vate no olho da rua!

O poeta, ante o *manu-militari* irretorquivel, tomando a papelada lyrica, muscava-se para a zona neutra da calçada, onde, readquirida a nobre altivez, objurgava para dentro da loja hostil:

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta o pó das sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro.

Em seguida remessando para traz a cabelleira, num repellão, ia fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva attitude, á espera dum conhecido esfaqueavel a quem extorquisse um nickel com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac.

Cançado, porém, de ouvir estrellas em jejum, de amar a lua no céo sem possuir um queijo na terra, ouviu a voz sensata do estomago e quebrou a lyra, para viver.

Metteu a tesoura nas melenas, deu tal qual brilho aos sapatos com esfregações de casca de banana, desfatalizou o semblante, substituiu o ar vago e absorto pelo ar avaccalhado do pretendente e, á força de cartas recommendaticas, guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça. Todo o mundo o recommendou ao Gaúcho Omnipotente porque todo mundo andava farto daquella permanente fome lyrica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é um boi gordo, semelhante áquella estatua equestre de Hindenburgo, feita de madeira, onde os allemães pregavam pregos de ouro. A differença está em que, no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheirão.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Omnipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Belleza, as manhãs côr de rosa, as auroras boreaes, a Natureza emfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi mel do Hymeto pela taça de Anacreonte. Evoluindo para o parnasianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lyra, ascendia ao cubismo transcendental.

Sim, general, sou um genio incomprehendi-

do, novo Ahasverus a perlustrar todas as regiões do Ideal em busca da Fórma Perfeita. Qual Prometheu, vivi atado ao potro da *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Fórma...

O general, que era amigo das bellas imagens, illuminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heroe-comicos. Conheces a Hermeida? E' obra minha. Amo as bellas imagens. Tenho lançado algumas immortaes. A mulher de Cesar! Os levitas do Alcorão! Hein? Tu me cahiste em graça. Acolho-te sob o meu pallio. Que queres ser?

— Inspector.

— ... de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Sel-o-ás do centesimo districto; conheces as culturas ruraes?

— Já cultivei batatas grammaticaes.

— E de pecuaria entendes? Distingues um zebu' d'um gallo Brahma? um matungo d'um murzello?

— Já cavalguei. Pegaso em pello!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trincal-o com tutu' de feijão.

— E's um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Como é o teu nome?

— Sizenando, Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vae, que estás ahi estás fomentando a agricultura como inspector do centesimo districto, com 700 bagos por mez. Os poetas dão optimos inspectores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vae, levita do Ideal!...

* * *

Eis como Sizenando se achou um dia transfeito em luzeiro scientifico, a illuminar, qual possante holophote agricola, uma grande zona do paiz.

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor-mór de estrellas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, luademelou tres mezes e, ao cabo, compareceu perante o ministro, para saber em que rumos nortear a sua actividade.

O ministro refranziu a testa: é tão difficil arranjar occupação para os phosphoros ministeriaes... Pensou um bocado, e:

— Escreva relatorios, desembuchou.

— Sobre que, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A funcção capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba, sobre o que ha e o que não ha. Relate.

— Mas Excia., eu desejava ao menos uma suggestão emanada do alto criterio de V. Excia., sobre que materia devo organizar o relatorio que a bem dos magnos interesses da lavoura V. Excia. com tanto tino me incumbe de escrever...

— Já lhe disse: sobre qualquer cousa que lhe dê na veneta. Relate, vá relatando e depois me appareça.

Sizenando sahiu encantado com os processos expeditos do Dr. Grifado com assento na pasta, e passou tres mezes de papo ao ar, procurando uma these conveniente.

Como por essa epoca a lua de mel lhe entrasse em plena minguante houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherinha de verruga no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega.

Tal o celebre estalo que abriu a intelligencia do Padre Antonio Vieira em menino, aquelle obuz culinario teve a estranha acção de illuminar os refolhos cerebraes do inspector.

— Eureka! berrou radiante, e com um grande riso de goso na cara emplastada d'herva e unto ergueu-se da mesa ás pressas, rumo do escriptorio. A mulherinha, entre colerica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa, e levou a cabo um estudo botanico-industrial da hervinha com afan tal que, transcorridos dez mezes, dava a prélo o "Relatorio sobre o *Papalvum braziliensis*, vulgo Beldroega, e a sua applicação á culinaria" O anno seguinte gastou-o em rever as provas do calhamaço, a modo de escoimal-o dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Fórma resurtia ali. Sahiu o relatorio obra papafina, optimo papel e muitas gravuras ellucidativas. Entre estas, em bello destaque, os retratos do Ministro, do Director de Agricultura, do Marechal Hermes, então no apogeu, do tenente Pulcherio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes paredros do momento. Prompta a edição, embaraçou-se Sizenando quanto ao destino a lhe dar.

Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excia., de accordo com as sabias ordens de V. Excia., venho communicar a V. Excia. que se acha prompta a edição do Relatorio sobre o *Papalvum*.

(Continúa no proximo numero).

1928..

1929...

1930...

1931...

Else

Mazza

Nascimento

Machado

A poetisa Else Mazza Nascimento Machado que vae ler o seu livro no Salão de Maio da Associação dos Artistas Brasileiros. O livro chama-se "A humilde oblata" e será apresentado por Maria Eugenia Celso, Nestor de Figueiredo, General Moreira Guimarães.

PARNASO SECULO XX

(Para Alvaro Moreyra)

O Parnaso subsiste hoje em dia. Mas, como a civilização moderna e a arte moderna libertam-se do classicismo, o Parnaso hellenico vae a pouco e pouco deixando de ser um padrão. E os pequenos parnasos e os parnasos médios e os grandes parnasos medram neste grande mundo, e medram tambem num pequeno mundo que é a cidade de S. Sebastião do R. de Janeiro; e porque um parnaso não prescinde de um apollo, presidem a elles os pequenos apollos, os apollos médios e os grandes apollos. Ha igualmente, estros e musas: pequenos, médios e grandes...

Cada uma dessas instituições, onde se agrupam os artistas da actualidade, pensa ter descoberto o segredo da verdadeira poetica, a pedra philosophal capaz de converter as emoções humanas, tocadas e muitas vezes deslustradas pela impulsão dos instinctos, no oiro resplendente da arte pura e perfeita. Acreditam-se differentes umas das outras. Não o são nem nos objectivos nem nos processos; os processos das entrevistas com os magnatas do jornalismo, das recepções elegantes, dos sorrisos e curvaturas de dorsos, dos elogios desmesurados, das ligas de protecção ao meu nome e ao teu, ao meu livro e ao teu (os outros que façam pela vida)... Não só pelo amor á arte e pela tendencia artistica criadora, como pela obdiencia ao complicado codigo de costumes e processos, a musa ou o estro penetra num dos parnasos. E quão feliz é aquelle que logo á primeira investida ingressa num dos mais notaveis!

1928... 1929... 1930... 1931... Esta é a phase da minha carreira publica de artista. Publica, porque já nasci musa. Quando, num cálido mez de Março, o ar da terra carioca me entrou nos pulmões recem-nascidos, e o meu fragil corpo, um pequeno automato, assumiu a grave responsabilidade de todas as funcções vegetativas, o sangue começado a circular era o mesmo sangue inquieto e rebelde que hoje me determina as peculiaridades do psychismo.

Se a phantasia de Maeterlinck no "Passaro Azul" pode ser admittida pela psychologia hodierna, eu trouxe como bébé, na caixa de minhas predisposições, essa tinta forte de subjectividade criadora.

Musa... qual dellas?... Calliope — a eloquente?... Melpomene — a tragica?... Polymnia — a lyrica?... Não sei qual dessas damas represento, essas damas que jamais suppuzeram vir a soffrer de perturbadoras psychoses e trazer em prolongada ebullição o cerebro do amigo Freud. Desde o tempo de Miss Mac Killigan, a governanta irlandeza que eu cognominava Miquelina, e com quem a emotividade insopitavel me fazia armar os mais ruidosos combates, felizmente nunca sanguimolentos... Desde o tempo da pre-puberdade, em que os **diarios** escriptos furtivamente eram vibrantes poemas em prosa, havia em mim uma indomita musa. Durante annos contentei-me com o parnaso da minha vibratilidade temperamental; e, mais tarde, com os pincaros afogueados pelo sol e inundados de luz, do glorioso olympo a que o amor me fez ascender, onde vivo queimando o incenso da exaltação em homenagem a um zeus exclusivista e dominador.

Entretanto, algum horoscopio devia ter sido pronunciado diante de meu berço, porque foi um apollo que cavalheirosamente me levou até o parnaso. Um grande apollo, pelo que já expandiu na poesia; pelo circulo de estros e musas em que exercita o seu prestigio; e pelo bastão de commando artistico que lhe conferiram.

Houve um encontro occasional entre apollo e zeus. Este revelou a existencia de uma musa incognita. Um dia, depois, levou-a ao parnaso para conhecer apollo, parnaso que em 1928 ainda se achava na rua do Ouvidor. Como deveria apresentar-se uma musa civilizada? para uma trigueira, melhor seria a tunica rosa, o toucado rosa, as sandalias claras, que usou numa tarde exuberante. Apollo não estava. Zeus retornou com a musa; porque chovia, agora ella trazia velhas rendas pretas e deselegantes galochas. Um moço, servidor dos deuses, baldeava as escadas do parnaso. Apollo estava.

*
* *

Foi assim a minha recepção, a minha iniciação. Num dia desconvidativo de chuva, usando galochas pretas, subindo a escada que um servidor dos deuses baldeava, e conversando com apollo numa estreita ante-sala das officinas parnasianas. Mas zeus achou que tudo estava bom...

Calliope— a eloquente?... Melpomene — a tragica?... Polymnia a — lyrica?... Não sei. Talvez um pouco de cada, talvez apenas eu mesma.

E como toda a musa ultramoderna, eis-me deslumbrada, envolvida no torvelinho da vida artistica deste pequeno mundo que é a cidade de São Sebastião do R. de Janeiro.

DANTE COSTA ESCREVEU

DESDE manhãsinha estão se afundando na palestra sem futuro. A's oito horas, quando os millionarios e os guarda-nocturnos ainda estão dormindo, já o amor está ligando pelo telephone coisas repetidissimas...

— "Estou esperando, vem já, sim?..."

— "Sim..."

— "Você vem mesmo?"

— "Vou, espera..."

E como todo o dia Mima tem que ir pro "atellier", e o bonde passa sempre pela esquina, e a esquina não muda de logar, o moço faz todo o dia esse mesmo torneio de intelligencia.

Elle larga o phone e vae pra rua. Não ha arvores junto do poste. A gente póde apreciar aquella elegancia limpa. E o bigodinho pouco serio. E o cabello, lustroso e bem arrumado como os pensamentos de uma menina de collegio de freira...

Passeia pra ver se bota o tédio *nocaute*. Bota mesmo. Não cança de esperar. E não deixa de olhar de vez em quando o bonde que ainda não veiu e a esquina de onde surgirá Mima de branco, de sorriso na bocca e de florsinha no hombro.

O espectaculo é o mesmo, invariavelmente.

— "Bom dia..."

Se volta e Mima está na frente delle, mão estirada. Aperta aquelles dedos finos. Olha carinhoso, lento, amoroso. Espia bem. Intrigado. E vê Mima de branco, de sorriso na bocca, ah! falta é a florsinha no hombro.

Então pergunta onde está. E a curiosidade delle pretexta uma risada satisfeita e a resposta:

— Não se lembra mais, hontem de noite, lá no portão de casa? Está vendo como você já esqueceu?"... Fingidamente magoada.

Esquecer uma coisa dessas é desolador. As mulheres não perdoam... Por isso elle engasgou com o esquecimento tragico e não disse nada, nada.

Na rua quieta chegou o bonde barulhento pra carregar, até quando Mima quizesse, o parzinho dono dessa historia...

Este bonde é rapido. Os bondes rapidos são sempre amados pelos homens preguiçosos e molles, porque assim os homens preguiçosos e molles pensam que estão logrando o tempo...

E passa em ruas bonitas antes de chegar ao centro. Uma porção de *bungalows* enfeita as calçadas. De vez em quando Mima olha alguma janella que ficou aberta, com uma inveja doida. A's vezes encabula...

Durante toda a viagem o moço vae jogando fóra o seu enthusiasmo de ingenuo. Conversa, conversa. Fala arrebatado:

— "Então elle *chutou* pra mim e eu empurrei a bolla bem no canto do "goal". Quem disse que elle pegava?"

Mima não foi. Ella não tinha dito nada. Mas sorriu pra não bocejar... Mima estava differente.

O dia passou com barulhos de businas, gritos de vendedores ambulantes e mulheres nervosas, tic-tacs dos relogios de todos os funccionarios publicos pontuaes.

Houve uma tragedia e a heroina, "grande amorosa", sahiu nos vespertinos sorrindo como no dia da sua primeira communhão. Uma pagina commum de calendario com as mesmas creaturas sem interesse.

De tardinha, no meio do barulho nivelador do "atellier", Mima pensou:

"Ora, eu sou bonita, estou vendo. Tenho um geito assim parecido com o geito de Clara Bow. Meus dezoito annos são batutas e gostosos. Por que vou dar confiança pra um sujeitinho daquelles? E' bom, coitado. Eu tenho pena de brigar com elle, me dá pastilha de hortelã e conversa sobre "foot-ball" que é um assombro. Só queria saber quem foi que disse que eu gostava de pastilha de hortelã... Upa!"

Foi a agulha impertinente que tirou Mima do seu mundo metaphysico. A agulha empatadora. O sangue no lencinho fez uma mancha pequenina, mas felizmente não passou para o vestido de Mme. Liana, aquella freguesa tão amavel...

Recomeçou.

Juntou os dois babados da saia com a linha de seda, e os dois pensamentos da cabecinha negra com um sorriso. A mesma perversidade feminina:

"Tambem, não é capaz de mudar aquella gravata... Faz dó. E a pose com que elle paga o bonde, como se gastasse uma fortuna, quatrocentos réis!..."

Os pensamentos della eram assim. Desconjunctados. Asymetricos. Pareciam um poema negro de Blaise Cendrars.

Então Mima resolveu vencer o habito e não apparecer mais ao moço da gravata borboleta sempre igual. Acabava de vez com aquelle vicio, prompto! Não ia.

Mas é muito difficil a gente tomar dessas resoluções. Principalmente no terreno do amor, que o amor é um ponto de vista que a gente se habituou a ter... As mulheres, então, têm essa difficuldade muito maior, porque pontos de vista são exhotismos raros na intelligencia feminina...

Mima não era excepção, felizmente.

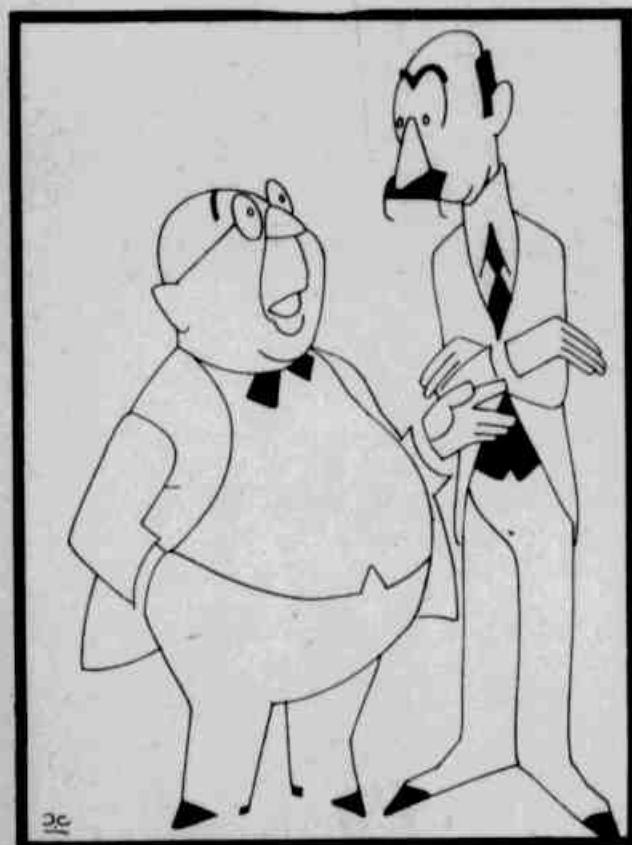
Por isso com o tempo correndo vieram lhe chegando á mente os mesmos vagos reflexos de todos os dias. O moço appareceu outra vez na sua frente, sorrindo, e a viagem longa e longa ia puxando outros quadros mentaes. As conversas bobas, mas tão engraçadas. O cinema dos domingos. As pastilhas de hortelã de todos os dias. Mima deixou ir o pensamento e sorriu complacente. As coisas já lhe pareciam boas, o moço já era sympathico outra vez, até o "foot-ball" era um thema interessantissimo para as palestras no bonde...

Pensando.

Pingaram, grossas, sete pancadas de fim de actividade. Mima queria sahir sósinha, não queria.

Uma indecisão pequena lhe atrapalhava a cabeça quieta, um instante. Logo desappareceu. Mima ambientou-se na vida. Quiz o companheiro, gostava delle...

Mima disse para si mesma que era o amor. Sorriu. E deixou que o amor a empurasse para o cabide de peróba clara, e a cobrisse com o chapéosinho de feltro batido, e a levasse até a calçada movimentada onde o moço ingenuo de gravata borboleta sempre igual esperava, risonho e amante, aquelle contentamento convencional de todo o dia...

O amor não será um habito feio?

A VELHA AVIADORA

— Minha avó tambem. Morreu em consequencia de um ferimento causado por um parafuso.

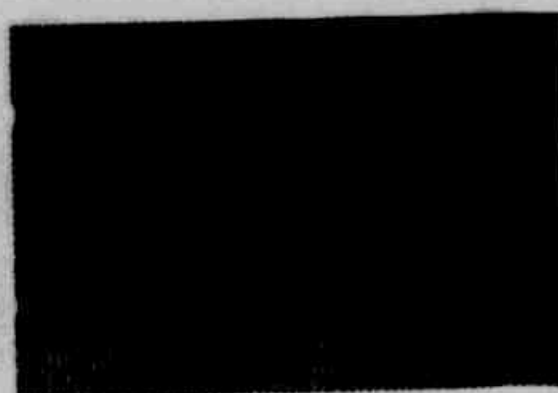
— Parafuso da morte?

POLICIA DE COSTUMES

— Olá, *seu* Marcolino! Onde tem andado? Já ninguem mais o vê na porta da charutaria !

— Vinte mil réis é muito dinheiro, dona Catharina.

PARA TODOS...

de Elegancia

— Será para você que tenho hoje de falar? Não me parece. Porque você não liga grande importancia á elegancia... dos homens. Embora você sempre esteja bem; embora a sua gravata não "destôe" nunca da camisa, e os sapatos combinem com a casimira do terno ou com o terno de linho branco; embora me pareça que você, como anda, anda sempre bem vestido — ao contrario das mulheres: andam bem quando andam bem despidas —; embora estas e outras considerações, quero dizer algo sobre meudezas e roupas da gente do sexo forte.

O principe de Galles, meu amigo, é o mais popular e o mais admirado dos principes. Por que? Porque é e l e g a n t e, porque sabe escolher roupas, porque pratica esportes, porque dansa prazeirosamente a valsa como prazeirosamente dá passadas de fox e requebros de maxixe; porque será o futuro rei da Inglaterra; porque cuida destes e de problemas serios, seriissimo como o da expansão commercial...

Ha um costume masculino que Londres creou sob o nome de Glenurquart e a França exportou como Principe de Galles". Segundo nos informa conhecido chronista francez, tal costume é de rigor no guarda-roupa britannico, tanto quanto o costume listrado para a tarde, e o de flanella cinza. Aliás, aqui esteve S. A. R. Eduardo de Windsor, e, segundo pudemos observar, apesar do guarda-roupa numeroso o illustre principe deu-nos a acreditar a sua preferencia pelo "gris" e pelas camisas azuladas.

O tecido do costume "Principe de Galles" é "cheviote" em grandes quadrados preto e branco, que, "de forme croisée il s'harmonise admirablement avec la lingerie fil bleu et les souliers acajou, cravate de soie rouge". Tal vestimenta pode ser feita na tonalidade havana e branco, "lingérie beige" ou dos pannos derivados do vermelho. E o chronista continúa: "Il prend un aspect plus habillé" "avec le col blanc rabattu et empesé accompagnant la chemise de couleur à plastron également empesé", chapéo molle, preto, luvas de camurça clara. E aqui figura em figurino inteiro, o moderno costume e duas mostras do panno.

Dos prognosticos para o anno que corre: o *paletot* a fio direito e com

tres botões, cintura menos accentuada, golla bem baixa, os jaquetões e os "smokings", são um tanto menos curtos, a parte de baixo ligeiramente ondulada, sem o menor exaggero. As mangas são mais largas e apenas ornadas de dois botões.

Nas roupas masculinas, meu caro amigo, ha a mesma preoccupação das femininas: adelgaçar a silhueta. Dentro em breve teremos maior propagação do regimen da fome por gosto, pela vontade de parecer leve, quando, ás vezes; o peso de facto é o que menos pesa...

Na época presente, em que a alegria da natureza é a mais constante, um regimen para emmagrecer é divertimento interessante, assim feito por homens, e em obediencia á futilissima senhora Moda.

Fico-me, hoje, por aqui, nestas primeiras impressões colhidas em fonte autorisada. E, você que me vae lêr, tambem concederá que proporcione ás linlas leitoras algumas novidades de meia estação.

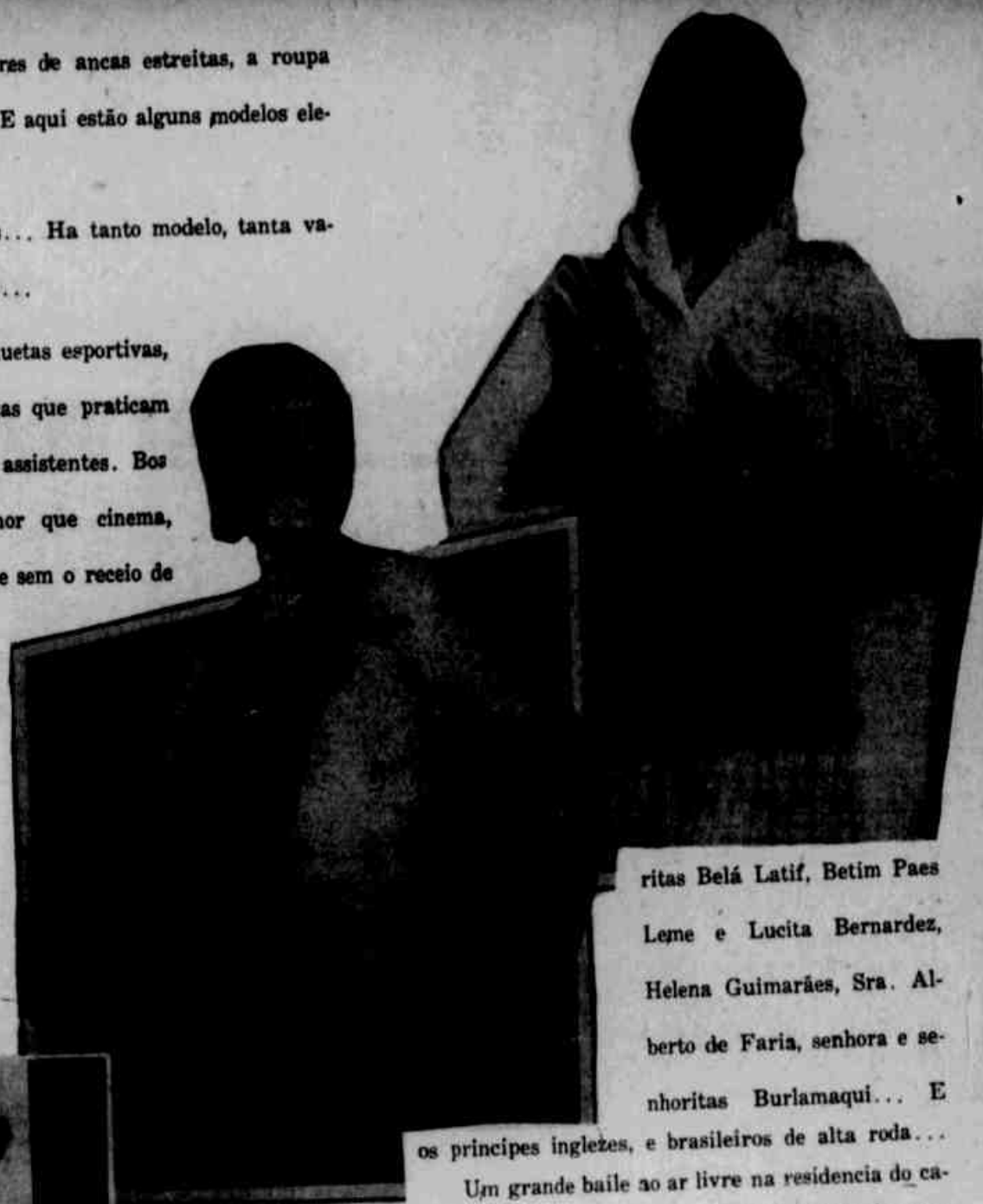
+ + +

A moda feminina continúa uniforme quanto á linha e muito variada de modelos. Felizmente. Parecendo simples, os vestidos são, no emtanto, bem trabalhosos.

O que se tem discutido muito, ultimamente, é a roupa genero "basque", que, vem engrossar os quadris, inutilisando, deste geito, tanto trabalho de jejum, de exercicio, de força de vontade para reduzir ao minimo possivel o maximo das gorduras.

Para as mulheres de ancas estreitas, a roupa "basque" vae bem. E aqui estão alguns modelos elegantes.

Para as outras... Ha tanto modelo, tanta variedade de modelos...

E aqui vão silhuetas esportivas, costumes para moças que praticam esporte, e para as assistentes. Boa diversão. E melhor que cinema, porque ao ar livre e sem o receio de estragar a vista. Os "golfinhos" estão tomando conta dos bairros, e os jardins menos frequentados, agora, com a mania desse esporte em campo resumido.

Das ultimas festas da temporada Principe de Galles: um jantar no Lido, onde estavam, radiantes de elegancia e formosura: Negra Bernardes Müller, Sra. Carlos Guinle, condessa Gioia Caetani, senhoritas Belá Latif, Betim Paes Leme e Lucita Bernardez, Helena Guimarães, Sra. Alberto de Faria, senhora e senhoritas Burlamaqui... E os principes inglezes, e brasileiros de alta roda...

Um grande baile ao ar livre na residencia do casal Lynch. Varios "assustados" de banho de mar, uma festa no Copacabana, um jantar no Golf, um jantar... Festas, festas e mais festas. Algumas, em dias frescos, admiraveis. Outras, em dias menos frescos, dias até quentes neste fim de estação e meiados de Abril.

+ + +

"Indanthren" é anilina empregada por todas as grandes fabricas brasileiras de tecidos. Por isso estamos de parabens. As fazendas de linho, de algodão, de seda vegetal, quer em tonalidades unidas, quer estampadas, estão ao nosso alcance, por preço pequeno, e sem o inconveniente de desbotarem. "Indanthren" é o mais perfeito corante dos ultimos tempos.

+ + +

O cabelleireiro da "élite": A. Dorét — Rua Alcindo Guanabara. E os melhores perfumes nacionaes, assim como preparados para a cutis.

+ + +

Meias — Sally: na Casa Machado.

SORCIÈRE

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 963 — BELLA COSTUREIRA (?) — Vejo ausencia de pessoa que vos estima seguida de más palavras de uma falsa amiga cheia de inveja e ciumes. Breve recebereis uma carta de reconciliação de pessoa desaffecta e ausente. Haverá um casamento feliz nesta casa feito com muita sympathia, porém pouca fortuna.

N. 964 — DÁDÁ (Petropolis) — Haverá intriga nesta casa promovida por uma vizinha de má indole. Tereis, por isso, bastante desgosto. Um homem da lei que deseja vossa felicidade se ausentará por doença durante algum tempo. Vejo nesta casa sympathia por vós de um joven que vos estima em segredo. Recebereis breve uma carta de pessoa amiga.

N. 965 — SABE (Baurú — S. Paulo) — Um homem da lei vos dará bons conselhos que deverão ser ouvidos. Haverá uma desordem fóra de casa promovida por um homem de farda e por vossa causa. Vejo dinheiros grandes e um casamento feliz nesta, seguido de longa viagem de resultados proveitosos.

N. 966 — PRAGUINHA (S. Paulo) — Recebereis breve uma carta de um homem idoso. A caminhos vagarosos vêm desgostos provocados por leviandade de um joven vosso parente. Uma mulher de bom coração que vos estima se ausentará breve por doença. Tereis uma paixão d'alma que vos trará ciumes...

N. 967 — MAC (S. Paulo) — Em um banquete ouvireis boas palavras de um joven que vos fará uma promessa que será cumprida no futuro. Tereis um constrangimento motivado por uma falsa amiga invejosa. Uma rival pretenderá vos intrigar não conseguindo seu intento. Vereis no futuro realizados vossos ideaes.

N. 968 — YVELISE (S. Paulo) — Uma mulher de má lingua pretenderá fazer intrigas com vossa pessoa, sendo impedida por um vizinho benevolo. Recebereis breve uma prenda de amor de pessoa que não se manifestou ainda. Haverá mais tarde nesta casa um matrimonio feliz, após serem vencidos alguns obstaculos.

N. 969 — PRETA (Bello Horizonte) — Deveis ouvir os conselhos de um homem idoso e de bom parecer que vos estima e deseja vossa ventura. Recebereis, não agora, uma carta contendo novidades e surprezas. Uma rival pretende vos intrigar com um joven que vos estima e que não lhe dará ouvidos. Haverá doença grave fóra de casa.

N. 970 — ROSA PRETA (Rio) — Vejo poucos dinheiros, desintelligencia entre um homem de negocios e um homem da lei. Haverá um processo e condemnação causando desgostos a uma mulher morena e já edosa. Vejo separação de pessoa amiga motivada por doença. Recebereis uma prenda de amor de pessoa que não esperaes.

N. 971 — CRAVO PRETO (Rio) — Haverá um casamento de amor nesta casa com dinheiros grandes e muita alegria. Vejo um acontecimento inesperado e feliz que vos causará agradavel surpreza. Tereis uma desintelligencia com um homem de farda que se ausentará desgostoso. Um homem da lei vos dará bons conselhos que deverão ser ouvidos.

N. 972 — YOLE DRAVIL (?) — Vejo traição da falsa amiga de quem devereis vos afastar. Tereis uma paixão que não será correspondida, o que vos causará desgosto. Vossa correspondencia será violada por uma rival. Fareis no futuro uma longa viagem de bons resultados e vereis, finalmente, realizados vossos ideaes.

N. 973 — CAMPESINO (?) — Devia ter preenchido o mappa e não mandal-o em branco como veiu.

N. 974 — EGLÊ (?) O mappa deve ser o que vem publicado na secção e não um outro qualquer.

N. 975 — MARA (?) — Tenha a bondade de ler o que digo antes á Eglê e fazer o que digo á referida consulente para ser attendida.

N. 976 — LUIZINHA (B. Horizonte) — Uma rival desviará uma carta vossa com cinco sentidos, não lhe aproveitando, entretanto, nada, pois não conseguirá saber o que deseja. Vejo poucos dinheiros e ligeiro desgosto motivado por um joven leviano. Um homem de negocios vos dirá boas palavras em um banquete e procurará fazer vossa felicidade futura.

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

N. 977 — ANIL (?) — Sómente agora chegou vossa vez. Haverá ventura no vosso porvir. Um joven de boa posição social e regular fortuna vos fará uma promessa que se realizará. Vejo um matrimonio vantajoso e feito por amor nesta casa. Haverá doença passageira em uma mulher edosa e que vos estima. Breve tereis boas noticias de pessoa amiga e ausente.

N. 978 — ALMA TRISTE (Santos) — Tereis ainda uma grande paixão que será correspondida e vivereis feliz. Um homem de farda que vos estima procura vosso bem e ha de o conseguir. Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom parecer que vos estima. Vejo no futuro felicidade duradoura e dinheiros grandes.

N. 979 — JUAREZA (Rio) — Uma vizinha intrigante vos dirá más palavras o que vos causará constrangimento. Vejo vicio em um homem de negocios com prejuizo de dinheiros grandes, processo judicial e condemnação. Recebereis uma prenda em uma egreja que vos será entregue por pessoa intermedia e de bom coração que vos estima devéras.

N. 980 — ALFACINHA (Rio) — Vejo leviandade, causando não pequenos desgostos a um homem edoso e que vos estima. Recebereis breve uma carta com boas noticias de pessoa ausente e trazendo novidades que vos darão alegres surprezas. Fareis ainda uma longa viagem de bons resultados, não agora. Tereis pequenos desgostos passageiros.

N. 981 — SONHADORA (Catumby) — Em horas de comidas e bebidas recebereis um dinheiro que não esperaes. A caminhos vagarosos virão más noticias de pessoa amiga ausente, compensadas depois por um acontecimento feliz e inesperado. Tereis ainda dinheiros grandes e vereis realizadas vossas aspirações em futuro não muito remoto.

N. 982 — SUZANA (Rio Grande) — Vejo um homem da lei com ciumes por se julgar preferido por um joven claro. Tereis melhoria de posição após uma pequena viagem de pouca duração, mas de bons resultados. Vejo bom exito nos vossos negocios e ventura duradoura. Uma pessoa amiga adoecerá sem gravidade fóra de casa. Tereis uma indisposição passageira após um banquete.

N. 983 — RONOELGI (Rio Grande) — A caminhos demorados virão noticias desagradaveis e logo em seguida boas novas de pessoa amiga e ausente. Recebereis tambem pequenos dinheiros de pessoa de quem não esperaes. Um homem da lei se ausentará por doença. Um joven vos dirá boas palavras em um banquete com sympathia.

N. 984 — VERMELHINHA (Rio) — Recebereis umas cartas que vos trarão constrangimento enviadas por pessoa que se occulta, porém que será depois descoberta e se ausentará envergonhada. Haverá zelos de uma joven que se enganará a respeito do vosso caracter e que depois vos pedirá desculpas de palavras más que vos dirigirá em uma reunião de muitas pessoas estranhas.

RETRATOS A PENA

(F I M)

versalmente elogiados. Teixeira de Freitas, por exêmplo, achava-os atrasados. Spêncer Vampré rebate os ataques: "Se lhe falta a intuição genial de Paula Baptista, se o pensamento filosófico não lhe enfeixa, num princípio superior, todas as regras parciais que investiga, ninguém o supera na exactidão das fontes, na compreensão da regra consolidada, na conciliação prudente entre o espírito do passado e as novas necessidades do direito. Podemos chamá-lo, sem êrro, o consolidador do processo civil brasileiro."

Nenhum elogio, porém, vale mais aos livros de Ramalho que esta frase de Crispiniano:

— O Ramalho sabe as suas coisas...

E' que Crispiniano, pôço de orgulho e cultura, nunca desperdiçou gabos.

Lente da Academia, a Academia conviveu com êle mais de cinquenta anos. Durante todo êsse tempo manteve-se na casa como o farol dos colegas e o ídolo dos rapazes.

(Conclue no proximo numero)

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado pelo DR. EDUARDO FRANÇA (concessionario). A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

É o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$000.

O DR. EDUARDO FRANÇA envia gratis, a quem pedir, pelo Correio, o interessante jornalzinho — "LUGOLINA & SALSA" — Av. Mem de Sá n. 72 — Rio de Janeiro.